

O Brasil não crescerá mais de 3,5%?

André Eduardo da Silva Fernandes

O resultado do crescimento do ano de 2007 espalhou otimismo entre muitos analistas financeiros. A economia brasileira deverá registrar crescimento do PIB em torno de 5%. De fato, poderá mesmo atingir o patamar de 5,2%. Sem dúvida nenhuma, o principal fator explicativo para tal crescimento vigoroso é o aquecimento da demanda, devido fundamentalmente à expansão do crédito direto ao consumidor. Além do mais, a expansão do gasto público serve para aumentar do mesmo modo a demanda interna.

As perspectivas dominantes para o ano que inicia redobram, de maneira geral, a aposta no otimismo, embalado pelos resultados recentes do PIB e da taxa de investimentos. Mais consumo, mais produção, mais emprego, mais crescimento. Tudo estaria a "mil maravilhas" e estariamos entrando em um "círculo virtuoso de crescimento"! Será? Uma análise mais acurada dos dados demonstra que esse otimismo é mais um "comportamento irracional", do que baseado em fatos projetáveis para os próximos 12 meses.

Primeiro problema: a disparada da inflação internacional. O cenário aponta no sentido de que deve haver algum tipo de desaquecimento da economia. Desaquecimento da economia global atinge em cheio as nossas exportações, principalmente as de produtos primários. Basta olhar como andam os preços das principais economias do mundo. O

PPI (índice que mede a inflação no atacado nos Estados Unidos) subiu 3,2% em novembro, ante previsões dos analistas de 1,7%. Foi a maior alta desde agosto de 1973! O Índice de Preços ao Consumidor da China aumentou 6,9% em novembro, maior alta mensal em 11 anos. A inflação anualizada na zona do euro subiu para 3% em novembro, frente ao 2,6% de outubro. E no Brasil? A inflação medida pelo IGP-10 (Índice Geral de Preços - 10) em 2007 terminou o ano com alta de 7,38%. Em dezembro, o índice teve aumento de 1,59%, frente alta de 0,71% em novembro.

Segundo problema: a crise imobiliária americana. É consenso entre os economistas internacionais que a crise ainda não teve todos os seus efeitos sobre a economia global. Com certeza, atingirá o Brasil de maneira mais forte no primeiro semestre de 2008. De fato, conforme o próprio Banco Central reconhece, o Brasil voltará a ter déficits em transações correntes, mesmo com superávit na balança comercial.

Terceiro problema: o preço do petróleo, que permanece em alta face às previsões da Agência Internacional de Energia, que apontam para uma subida da procura mundial de petróleo em 2008 (se nada mudar!). Ainda mais em um cenário de inelasticidade da oferta. A AIE revelou que as reservas dos países industrializados caíram para o nível mais baixo dos últimos cinco anos. Com isso, teremos mais pressão para o desaquecimento da economia global. A hora do "ajuste"

torna-se mais próxima, principalmente quando combinada com a volta da inflação em todo o mundo.

Quarto problema: o crescimento de gastos do governo persiste de forma sistemática acima do crescimento da receita, embora todo o crescimento que tenha registrado nos últimos anos. De fato, a política macroeconômica é de frouxidão fiscal e ampliação de gastos. Máquina pública inchada, com 37 ministérios e gastos correntes explosivos. O discurso e as práticas populistas e "clientelistas" têm sido reforçadas dentro do governo.

Quinto problema: a questão energética. O Brasil corre o risco de enfrentar um "apagão" de energia elétrica em 2008, inclusive já está ocorrendo transferência de energia do Sudeste para o Nordeste. O aumento da oferta de energia durante o governo Lula (desde 2003) é equivalente a um único ano do governo anterior. Não existe espaço para a economia crescer mais de 5%, por dois anos seguidos, sem algum tipo de racionamento ou aumento explosivo de preços.

Portanto, como diz o ditado: "De-vagar com o andor que o santo é de barro". Na verdade, se espantarmos a fumaça dos fogos de artifício, enxergaremos que os fundamentos da economia brasileira ainda são "de barro". Mas, como diz outro ditado: "Deus é brasileiro". Veremos.

■ André Eduardo da Silva Fernandes é mestre em Economia pela UnB